**Um Mar de Sentidos: a importância das noções de língua, método, motivação e as novas tecnologias no ensino-aprendizagem de ALE**

**FEUSP: Faculdade de Educação**

**Disciplina:** Metodologia do Ensino de Alemão I

**Docente:** Milan Puh

**Aluna:** Júlia Torres Gualter Souza - **N**ºUSP: 10.760.932

**Data:** 13.05.2023

**Parte 1: a procura de sentidos**

Neste ensaio, que será dividido em duas etapas, meu objetivo, em um primeiro momento, é aprofundar as reflexões a respeito da minha formação como estudante de ALE. E então, farei algumas considerações, como estudante e futura profissional na área da educação, a respeito das práticas de ensino, tendo como base, a leitura, análise e discussão de textos e materiais didáticos, que foram trabalhados durante os primeiros módulos das aulas da disciplina de Metodologia do Ensino de Alemão I, bem como a experiência no estágio de observação em um CEL em São Paulo. Estas duas etapas, apesar de distintas, estarão interligadas, em nível profundo, à medida em que relacionam o contexto atual da educação e das diversas vivências e motivações para o aprendizado de ALE em São Paulo.

Segue um relato: filha de paulistanos, neta de pernambucana, catarina, alagoano e cearense, bisneta, tataraneta de indígenas Cariris, de outros povos originários em que se perderam os nomes, com algumas ascendências de outros continentes, andarilhos retintos trazidos para o Brasil, outros chegaram de navio, eram portugueses, espanhóis, holandeses, talvez sefarditas. Em casa, ainda restam algumas marcas da língua falada pelos meus ancestrais. Em mim, ainda há os diversos falares de uma rotina regada de um mar de gente, comum a quem vive em uma cidade cosmopolita. E também, os falares que a gente aprende na internet ou ouvindo música. Às vezes, só conhecemos o verbo *to be* que aprendemos durante o fundamental II, outras, aprendemos alguma palavra em espanhol no *twitter* e fica por isso mesmo. Mas, às vezes, tocados por esse universo de palavras, algo muda dentro da gente e surge uma vontade estranha de entender o que significam essas palavras e expressões que ouvimos por aí. E então, a curiosidade faz você entrar no Sebo e comprar um livro com o intuito de acabar com essa vontade de conhecer, e sem saber muito sobre como começar o estudo de uma língua estrangeira, você compra um livro que é quase como “um guia de alemão para viajantes”, sonhando aprender alemão assim.

Este relato, que talvez tenha sido escrito em chave um tanto quanto fictícia, conta como se deu o meu ingresso no estudo e aprendizagem de ALE, como uma estudante do ensino médio de um colégio privado de bairro próximo onde eu moro em São Paulo. Naquele contexto, não tinha noção do que implicava estudar uma LE. Não tinha ideia de que a língua que falava era variada, diversa. Na cabeça de uma adolescente de quinze anos, a língua seguia dividida em duas: a língua que falávamos no dia-a-dia e a Língua Portuguesa que era aprendida na escola, ou seja, no ensino de gramática e uma literatura difícil do século XIX. O mesmo ocorria com as línguas estrangeiras, tanto o aprendizado de inglês como espanhol, tinha forte presença da gramática e não conversávamos em sala sobre suas variantes. As diferenças se resumiam em distinguir o “espanhol” do “castelhano”, ou o “inglês dos Estados Unidos” do “Inglês Britânico”, ignorando o grau de profundidade destas distinções.

E então, durante o ensino médio, apesar da contestação e espanto de muitos — pois aprender alemão era sinônimo de algo muito difícil, ou pior, era a língua daqueles que haviam causado duas guerras mundiais — permaneci estudando meu guia de viagens. O estudo se resumia em duas partes: ler o guia e grifar as palavras que não sabia e então, avançar uma nova unidade. Sempre ao avançar, voltava para a unidade anterior, com intuito de rever, o que eu ainda não tinha aprendido, a visão de aprendizado se resumia à ideia de “decorar” ou “lembrar”. Além do “guia”, passava algumas horas na internet, em um site chamado *bab.la*, aprendendo novas frases, naquele momento a minha maior preocupação era entender o seguinte fenômeno em alemão, o aparecimento de tais palavras “darauf” “daran” “davon”, no final das frases, que era algo intraduzível.

Com o ingresso a Universidade, e as primeiras aulas de linguística, no ciclo básico, conjuntamente com o estudo de história da língua portuguesa e suas variantes, uma perspectiva nova e impactante, fez com que essas ideias carregadas do estudo primário fossem se contrastando, a medida em que as noções de língua se ampliaram. A língua como um sistema, um discurso ou uma ideologia. Assim como a ideia o reconhecimento das variantes linguísticas e a desmistificação de alguns preconceitos linguísticos, que sempre havia sido muito comum no meu contexto, ouvir, por exemplo, que um sotaque era “estranho” ou até mesmo que a pessoa falava o português errado.

No segundo ano da Universidade, comecei o meu percurso na habilitação de alemão, o material utilizado nas aulas eram da editora Klett e desde o início trabalhamos com temas mais usuais, que se vê em outros livros de aprendizado de línguas, como a apresentação, diálogos simulando situações corriqueiras. Posso descrever uma sensação de entusiasmo maravilhosa, a atmosfera era boa. Outro exemplo, também observo, as aulas de latim, que consistiam em ler e traduzir textos, o material usado era o livro “Aprendendo Latim”. Mas o que quero destacar aqui, foi uma aula em especial, que o professor, motivado pelas aulas de alemão que fazia no Instituto Goethe, mostrou semelhanças entre estruturas do latim e do alemão e das preposições, como por exemplo, “ab” e “ad”. Esta experiência foi marcante, na medida em que consegui compreender melhor o significado e sentido mais profundo e específicos das preposições.

No terceiro ano, todos se viram obrigados a mudar sua forma de se colocar no mundo com a chegada da COVID-19. Para agravar essa situação, as aulas de alemão caminharam para o aprendizado de temas mais difíceis e o início do estudo das literaturas. A sensação era, que apesar de todo aquele esforço, e aquelas novas formas de ver o aprendizado de língua estrangeira, não estava pronta o suficiente para lidar com aulas inteiramente em alemão sobre conceitos literários e estruturas mais sofisticadas como o *vorgangspassiv* e o *zustandspassiv*. Nesse momento, a motivação para o estudo se tornou mais externa, na medida em que o que era aprendido era estritamente para conquistar os níveis necessários e desejados para continuar o curso.

**Parte 2: a percepção dos sentidos**

Nossas experiências como profissionais não se distanciam de quem nós somos e fomos como estudantes. Aqui, pergunto-me, se quando estudante do ensino médio, se eu tivesse a noção dos conceitos do que é a língua e dos métodos, eu não teria sido uma estudante mais consciente das minhas ações, motivações e do que eu de fato estava ou não aprendendo? Isso porque, ao observar as aulas de alemão como língua estrangeira no CEL da Escola Estadual Otto Weiszflog e comparar as vivências, percebo aproximações e distanciamentos na maneira de estudar ALE. Além disso, as motivações são diversas, os contextos sociais e as faixas etárias também, assim, me pergunto, como lidar com tantos contextos distintos que viremos a encontrar em sala de aula? E por fim, um último direcionamento para esta parte do ensaio, qual função dos recursos tecnológicos para o aprendizado de ALE? E como professores e futuros profissionais da área podemos administrar a presença dessas tecnologias em sala de aula?

Se partirmos do início do aprendizado de uma língua, gosto de pensar na ideia de que o estudante é uma espécie de navegante em um barco que flutua em uma espécie de mar “sem sentidos”, ou talvez, seja assim que ele se sinta nas aulas iniciais se não conseguir fazer conexões, analogias com a língua que ele já traz consigo. Para isso, de início, mesmo que o ensino seja de uma LE, parece necessário que o professor investigue esse tipo de especificidade. Construindo uma base sólida capaz de trazer mais consciência a respeito do assunto, segurança e uma posterior autonomia.

Para aprofundar o debate e levar para o contexto das classes seriadas, os alunos têm vivências e níveis de alemão variados, um diferencial em sala é levar em conta, qual a língua que é falada pelo aluno e como ele a reconhece. Trabalhando a língua como um sistema, o professor pode trazer a gramática de uma forma em os alunos compreendam que, ela é a sistematização de algo que acontece normalmente na fala deles. Ao trazer a língua como discurso o professor pode trabalhar a percepção deles a respeito das variantes linguísticas que eles conhecem. A ideologia surge com a desmistificação de alguns preconceitos que existem a respeito destas variantes. Nesse momento, a apresentação de ALE pode ser feito da mesma forma e uma conexão a respeito das aproximações das línguas pode ser capaz de criar um vínculo entre o estudante e a língua em que ele está começando a aprender, assim, ele sentirá que pode se apropriar daquela língua como uma forma de se expressar e se comunicar, evitando, o que observei algumas vezes, como a vergonha, medo, insegurança e até pedido de desculpas ao errar.

Quanto aos métodos, o pós-método é aquele que parece capaz de expandir as possibilidades, contemplando a individualidade dos estudantes e moldando-se as necessidades, sem que alguns elementos essenciais de ensino-aprendizagem sejam deixados de lado. Estes elementos essenciais tem como base as dez estratégias¹ de Kumaravadivelu e os doze princípios didático-metodológicos² de Funk. Tendo em vista o supracitado, é importante, frisar de maneira clara e objetiva o porquê foram selecionadas determinadas atividades, para o estudante ter consciência do que é necessário. O que percebi ao observar as aulas no CEL é que, principalmente na turma iniciante, o professor relembra os alunos ao menos uma vez na aula que eles estão trabalhando quatro habilidades/competências, são elas: a escrita, a fala, a audição e a leitura.

Outro aspecto importante neste percurso de aprendizado de ALE parece ser a sensibilidade do professor ao trazer materiais complementares quando necessário, no geral, muitos materiais trazem um contexto mais restrito, o que passa a ideia de que a língua aprendida é estática. Caso os alunos não tenham a percepção de que a sua língua materna é igualmente variada, a importância em trazer essa discussão para sala é ainda mais relevante. Neste sentido, os materiais que parecem capazes de trazer essa visão ampliada da língua, encontram-se de forma acessível na internet, sendo eles documentários, matérias de revistas de regiões específicas de países que falam alemão ou suas variantes e canais do Youtube.

Neste momento, trago o exemplo do canal “*Easy German*”. Dentre as dificuldades de consumo do conteúdo do canal é que não apresentam legendas em português, somente em inglês, então, a menos que os alunos tenham conhecimento da língua estrangeira, seria interessante o próprio professor trabalhar com os vídeos em sala de aula e explicá-los. O conteúdo dos vídeos varia, bem como a sua extensão. Alguns vídeos trazem temas gramaticais, alguns diálogos do cotidiano ou ainda sobre variantes linguísticas. Ao mesmo tempo, como muitos vídeos são feitos na rua, não é difícil encontrar estrangeiros interagindo, o que pouco se vê em livros didáticos.

A internet é também um bom caminho para o aprimoramento da formação dos alunos do ponto de vista instrumental. Assim como observei em uma aula do CEL em que o professor, para preparar os alunos para a prova de certificado no Instituto Goethe, mostrou aos alunos um vídeo gravado de uma prova de conversação, podendo assim preparar melhor os alunos, tanto técnica como psicologicamente.

Para concluir, trago novamente a metáfora do estudante de LE que está navegando por um mar à procura de sentidos. Vejo tanto em minha experiência como estudante e quanto alguém que está se formando professora, que o conhecimento das habilidades individuais, da sua narrativa, da sua língua materna é imprescindível. Sendo, talvez, o papel do professor, nos dias de hoje, caminhar em direção ao percurso formador de transformar um aluno em um estudante, que reconhece a si e ao mundo à sua volta, para que esse não sinta que está ilhado em um mar “sem sentidos”. Dessa maneira, as percepções de língua, as possibilidades de aprimorar as diversas habilidades, que o pós-método traz, a noção das motivações individuais e a tecnologia direcionada são essenciais para aqueles que estudam ALE.

**Notas**

1. Maximizar as oportunidades de aprendizagem; Facilitar a interação negociada; Minimizar os desencontros perceptuais; Ativar a heurística intuitiva; Incentivar a consciência linguística, Contextualizar o *input* linguístico; Integrar as habilidades linguísticas; Promover a autonomia do aprendiz; Aumentar a consciência cultural; Assegurar relevância.
2. Ensino pautado na ação; Ensino pautado no conteúdo; Ensino pautado nas tarefas; Individualização e personalização; Incentivo à autonomia; Incentivo à reflexão; Automatização; Transparência e participação; Cultura de avaliação; Plurilinguismo; Sensibilidade à cultura de partida e à cultura-alvo.

**Referências Bibliográficas**

ECKERT, K.; FROSI, V. M. *Aquisição e aprendizagem de línguas estrangeiras: princípios teóricos e conceitos-chave*. Domínios de Linguagem, v. nº 9, jan/mar 2015. pp. 198-216.

KUMARAVADIVELU, B. *Understanding Language teaching - from Method to postmethod.* Mahwah, New Jersey, 2005.

PEREIRA, Rogéria C. *Motivação para aprendizado do alemão em contexto extensionista,* 2019, (pp. 193-216).

GRILLI, Marina. *Como ensinar línguas, do método ao pós-método*. Projekt, Nº 57, dezembro de 2019.